



ENTRE O PROGRESSO E A PERDA: A UHE FOZ DO CHAPECÓ TRANSFORMAÇÃO DA FRONTEIRA SUL

Melody Forcelini

Doutoranda do Programa de Pós Graduação em História da Universidade Federal da Fronteira Sul (PPGH-UFFS) e Bolsista CAPES
melody.forcelini@estudante.uffs.edu.br

1. Introdução

A construção de grandes projetos de infraestrutura, como usinas hidrelétricas, tem sido um tema recorrente na história do Brasil, especialmente a partir da segunda metade do século XX. Esses projetos surgiram como resposta à necessidade crescente de energia para abastecer um país em rápida expansão industrial, urbana e populacional. Com os avanços tecnológicos e a urgência por desenvolvimento, as hidrelétricas, por sua capacidade de geração em larga escala e menor dependência de combustíveis fósseis, passaram a ser vistas como investimentos estratégicos para o desenvolvimento socioeconômico nacional.

Nesse contexto de tensões entre desenvolvimento e vulnerabilidade socioambiental, destaca-se a Usina Hidrelétrica Foz do Chapecó (UHE Foz do Chapecó), instalada no rio Uruguai, na divisa entre os estados de Santa Catarina e Rio Grande do Sul. Seu processo de planejamento, implantação e operação envolve disputas entre diferentes agentes sociais — como empresas privadas, órgãos governamentais, comunidades ribeirinhas e agricultores — em torno da apropriação de recursos naturais, da transformação da paisagem e da reorganização dos modos de vida locais. O presente trabalho se propõe a analisar os impactos socioambientais gerados pela UHE Foz do Chapecó à luz da História Ambiental, articulando-os com processos históricos mais amplos de desenvolvimento, conflito e negociação territorial. A investigação se apoia em fontes técnicas, jurídicas e institucionais, bem como em referenciais teóricos que problematizam a relação entre infraestrutura, poder e natureza. Ao adotar essa abordagem, busca-se compreender como as transformações impostas pela usina se inscrevem em dinâmicas estruturais que moldam o território e suas populações.



A análise da UHE Foz do Chapecó demanda uma abordagem que vá além dos aspectos técnicos e econômicos do empreendimento. A tecnologia empregada na construção da usina deve ser compreendida como parte de um processo histórico mais amplo, no qual as decisões técnicas estão entrelaçadas com escolhas políticas, disputas territoriais e formas específicas de relação entre sociedade e natureza. A tecnologia hidrelétrica, longe de ser imparcial, reflete um modelo de desenvolvimento que favorece a produção de energia em larga escala e a construção de grandes obras, muitas vezes prejudicando as comunidades locais e a biodiversidade. Por sua vez, a História Ambiental oferece instrumentos analíticos para compreender como esses projetos reconfiguram ecossistemas, redes de uso dos recursos naturais e identidades territoriais, revelando os conflitos e resistências que emergem das transformações ambientais induzidas por grandes obras.

A pesquisa se justifica pela necessidade de aprofundar o conhecimento sobre os impactos socioambientais de grandes projetos de infraestrutura, como a UHE Foz do Chapecó. Existem análises direcionadas sobre os danos ambientais e sociais causados pela instalação das UHEs, mas pouco sob a perspectiva da história ambiental. Também pouco se produziu acerca das questões legais envolvendo os projetos de instalação de barragens, tampouco os custos econômicos da geração de energia.

O Rio Uruguai, onde se situa a UHE Foz do Chapecó, é fundamental para a história ambiental do sul do Brasil. Formado pelos rios Canoas e Pelotas, atravessa a fronteira entre Brasil, Argentina e Uruguai, região rica em ecossistemas e ocupada desde os tempos pré-coloniais por povos indígenas. A partir do século XIX, com a colonização europeia, passou a ser intensamente usado como via de transporte e fonte de energia, integrado projetos de modernização e desenvolvimento territorial.

Ao longo do século XX, o Rio Uruguai foi alvo de diversos estudos e planos para a construção de barragens, com o objetivo de aproveitamento hidrelétrico. Essa iniciativa fazia parte do projeto da política nacional da época, o Plano Nacional de Energia Elétrica - 1987/2010 da Eletrobrás (ELETROSUL/CNEC, 1979a) que visava construir uma infraestrutura robusta para impulsionar o desenvolvimento do país. (ESPÍNDOLA, 2009)



Apenas nas últimas décadas do século XX que o potencial energético do rio começou a ser explorado de forma mais intensiva, com a construção de grandes empreendimentos como as usinas de Itá (2000), Machadinho (2002) e, mais recentemente, Foz do Chapecó (2010) (ANEEL, 2020). Tais projetos de engenharia de larga escala, além de ampliarem a capacidade energética nacional, promoveram alterações no regime hidrológico do rio, modificando os períodos de cheia, destruindo as corredeiras, resultando no alagamento de grandes áreas e causando danos à diversidade biológica tanto na água quanto na terra. A Usina Hidrelétrica Foz do Chapecó foi inaugurada em 2010, está localizada entre os municípios de Águas de Chapecó (SC) e Alpestre (RS) e conta com capacidade instalada de 855 megawatts, o que a posiciona entre as maiores da região Sul do Brasil.

A UHE Foz do Chapecó, constitui um caso emblemático para se pensar as relações entre técnica, poder e natureza. Ao analisá-la sob a perspectiva da História Ambiental, é possível compreender como as infraestruturas energéticas não são apenas artefatos técnicos, mas agentes de transformação territorial, social e ecológica. A usina representa a materialização de escolhas políticas e econômicas que favorecem determinados setores — como grandes grupos empresariais e industriais — ao mesmo tempo em que marginalizam formas de uso e de vida associadas a uma relação mais integrada com o rio e com a terra. Assim, o caso de Foz do Chapecó permite refletir criticamente sobre os limites e os custos de um modelo de modernização que se apoia na retórica da energia limpa, mas que frequentemente reproduz desigualdades históricas e pressões ecológicas.

A abordagem proposta nesta pesquisa encontra respaldo em duas vertentes historiográficas que se complementam e dialogam de maneira produtiva: a História Ambiental e a História Econômica. Ambas compartilham o interesse em compreender os processos históricos em sua dimensão estrutural, questionando a separação entre natureza e sociedade e enfatizando as mediações materiais, sociais e institucionais que moldam as transformações no tempo. A História Ambiental, consolidada como campo desde os anos 1970, busca interpretar as mudanças ambientais como fenômenos históricos, reconhecendo tanto os agentes humanos quanto os elementos naturais como



protagonistas nos processos de transformação (WORSTER, 1991). Mais do que descrever alterações na paisagem ou impactos sobre o meio físico, essa vertente investiga as formas como a natureza é percebida, apropriada, transformada e representada pelas sociedades humanas.

Ao lado da História Ambiental, a História Econômica oferece ferramentas essenciais para compreender as dinâmicas estruturais que condicionam e impulsionam a implementação de grandes projetos de infraestrutura, como usinas hidrelétricas. Essa vertente privilegia a análise de processos de longa duração, como a formação do capitalismo brasileiro, a industrialização, a modernização do campo e a consolidação do Estado desenvolvimentista. A partir dessa perspectiva, obras como a UHE Foz do Chapecó não são apenas respostas técnicas à demanda por energia, mas peças estratégicas dentro de um modelo econômico que prioriza o crescimento via ampliação da base energética, integração regional e expansão da atividade industrial.

2. Metodologia

A combinação dessas abordagens — História Ambiental e História Econômica — permite uma análise mais abrangente e crítica da UHE Foz do Chapecó. Em vez de tratá-la apenas como uma obra de engenharia ou como causa de impacto ambiental, propõe-se aqui examiná-la como resultado de um processo histórico que articula escolhas técnicas, estratégias econômicas, discursos desenvolvimentistas e transformações nos modos de vida locais. barragem da UHE Foz do Chapecó, ao reconfigurar o curso do Rio Uruguai, ao deslocar populações e ao alterar o equilíbrio ecológico da região, expressa a força de um projeto de modernização que, ao mesmo tempo em que promete crescimento econômico, impõe custos sociais e ambientais consideráveis.

Dessa forma, o aporte teórico-metodológico aqui adotado parte do pressuposto de que as grandes obras de infraestrutura constituem arenas privilegiadas para o estudo das relações entre sociedade, economia e natureza. Através da articulação entre História Ambiental e História Econômica, busca-se compreender não apenas os efeitos visíveis da construção da UHE Foz do Chapecó, mas também os discursos que a legitimaram, os



agentes que a promoveram, as resistências que ela suscitou e os legados que deixou no território. Tal abordagem permite inserir o caso em um debate mais amplo sobre os rumos do desenvolvimento no Brasil contemporâneo, oferecendo subsídios para uma reflexão crítica sobre os dilemas e os impasses das transformações socioambientais no século XXI.

A pesquisa tem como objetivo geral analisar os impactos socioambientais e econômicos decorrentes da construção e operação da Usina Hidrelétrica Foz do Chapecó, localizada na bacia do rio Uruguai, entre os estados de Santa Catarina e Rio Grande do Sul. Com base nas abordagens da História Ambiental e da História Econômica, a pesquisa busca compreender como esse empreendimento se insere em um processo mais amplo de reconfiguração territorial, institucional e ecológica da Fronteira Sul do Brasil, desde os anos 1980 até a década de 2010. A proposta central é investigar como políticas públicas, decisões tecnológicas e interesses econômicos moldaram o território e os modos de vida locais, conectando os eventos regionais a dinâmicas nacionais e globais de desenvolvimento.

Referências

ANEEL. **Matriz Elétrica Brasileira**. Sistema de informações de geração da Aneel - SIGA, 2024. Disponível em: <https://app.powerbi.com/view?r=eyJrIjoiNjc4OGYyYjQyYWM2ZC00YjllLWJlYmEtYzdkNTQ1MTc1NjM2IiwidCI6IjQwZDZmOWI4LWVjYTctNDZhMi05MmQ0LWVhNGU5YzAxNzBIMSIsImMiOiR9>. Acesso em: 8 jun. 2024.

ESPÍNDOLA, M. A. Tecnização da natureza: o desastre ambiental da Usina Hidrelétrica de Barra Grande (SC). In: NODARI, E. S.; ESPÍNDOLA, M. A.; LOPES, A. R. S. (org.). **Desastres Socioambientais em Santa Catarina**. São Leopoldo: Oikos, 2015. p. 157-181.

LUNA, F. V. **História econômica e social do Brasil: O Brasil desde a República**. São Paulo: Contexto, 2020.

McNEILL, J. R. **Something New Under the Sun: An Environmental History of the Twentieth-Century World**. W.W. Norton & Company, 2000.

WORSTER, D. Para fazer história ambiental. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v. 4, n. 8, p. 198-215, 1991.